



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM DOURADOS-MS

EXPERIMENTATIONS WITH CINEMA IN GEOGRAPHY TEACHING: ERASING HEGEMONIC IMAGES AND ENABLING NEW PERSPECTIVES ON INDIGENOUS PEOPLES IN DOURADOS-MS

EXPERIMENTACIONES CON EL CINE EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: RESIGNIFICANDO IMÁGENES HEGEMÓNICAS Y GENERANDO NUEVAS MIRADAS SOBRE LOS PUEBLOS INDÍGENAS EN DOURADOS-MS

Artigo recebido: 29/10/2025

Artigo aceito: 01/12//2025

Luis Henrique Dias Rocha¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, a partir de experimentações com a linguagem cinematográfica no contexto do ensino e aprendizagem em Geografia, possibilitar outras formas de imaginar e perceber o espaço geográfico. Com base nas proposições contidas nos referenciais curriculares do Estado de Mato Grosso do Sul para o ensino médio, foram desenvolvidas experimentações com o cinema enquanto prática pedagógica articulada ao uso de diferentes linguagens no ensino de Geografia. A proposta consiste em viabilizar outras formas de produção de conhecimento por meio de distintas linguagens. Assim, a experimentação com o cinema se deu a partir do disparador “Povos Indígenas em Dourados-MS”, tomado como ponto de partida e produtor de conhecimento. O texto apresenta dois movimentos necessários: no primeiro, busca-se revisitar as imagens e narrativas hegemônicas acerca da presença e participação dos povos indígenas na formação territorial do Brasil, frequentemente associadas à ideia de tutela e à ausência de intencionalidade. No segundo movimento, o objetivo consistiu em convidar os alunos, a partir de quatro temas geradores, a refletirem sobre as imagens de nosso município referentes aos povos indígenas, com o intuito de rasurar as imagens hegemônicas e, a partir do encontro entre sujeitos, possibilitar outras formas de vivenciar o espaço geográfico. Por fim, compreende-se a necessidade de processos formativos contínuos, nos quais a universidade e a educação básica possam se fazer presentes em um entrelaçar de ideias e fazeres, de modo que as especificidades dos sujeitos possam emergir.

Palavras-chave: Ensino, Geografia, linguagens, cinema.

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia, vinculado a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Email: luis.profgeo10@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6386-7056>

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

ABSTRACT

This study aims to explore, through experiments with cinematic language in the context of teaching and learning Geography, new ways of imagining and perceiving geographic space. Based on the curricular guidelines of the State of Mato Grosso do Sul for secondary education, experiments were developed using cinema as a pedagogical practice integrated with the use of different languages in Geography teaching. The proposal seeks to enable alternative forms of knowledge production through diverse modes of expression. Thus, the experimentation with cinema emerged from the theme “Indigenous Peoples in Dourados-MS,” taken as both a starting point and a generator of knowledge. The text unfolds in two necessary movements: the first seeks to revisit hegemonic images and narratives regarding the presence and participation of Indigenous peoples in the territorial formation of Brazil, which are often associated with the notions of tutelage and lack of agency. The second movement invites students, through four generating themes, to reflect on local images of Indigenous peoples in our municipality, with the aim of challenging hegemonic representations and, through encounters between subjects, enabling new ways of experiencing geographic space. Finally, the study highlights the need for continuous formative processes in which universities and basic education can engage in a dialogue of ideas and practices, allowing the specificities of each subject to emerge.

Keywords: Teaching, Geography, languages, cinema.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo, a partir de experimentaciones con el lenguaje cinematográfico en el contexto de la enseñanza y el aprendizaje de la Geografía, posibilitar nuevas formas de imaginar y percibir el espacio geográfico. Con base en las propuestas contenidas en los referentes curriculares del Estado de Mato Grosso do Sul para la educación media, se desarrollaron experimentaciones con el cine como práctica pedagógica articulada al uso de diferentes lenguajes en la enseñanza de la Geografía. La propuesta consiste en viabilizar otras formas de producción de conocimiento por medio de diversas lenguas y expresiones. Así, la experimentación con el cine surgió a partir del tema “Pueblos Indígenas en Dourados-MS”, tomado como punto de partida y productor de conocimiento. El texto presenta dos movimientos necesarios: en el primero, se busca revisar las imágenes y narrativas hegemónicas sobre la presencia y participación de los pueblos indígenas en la formación territorial de Brasil, frecuentemente asociadas a la idea de tutela y a la ausencia de intencionalidad. En el segundo movimiento, el objetivo fue invitar a los estudiantes, a partir de cuatro temas generadores, a reflexionar sobre las imágenes de nuestro municipio referentes a los pueblos indígenas, con el fin de cuestionar las imágenes hegemónicas y, a partir del encuentro entre sujetos, posibilitar otras formas de vivir el espacio geográfico. Finalmente, se comprende la necesidad de procesos formativos continuos, en los cuales la universidad y la educación básica puedan estar presentes en un entrelazamiento de ideas y prácticas, de modo que las especificidades de los sujetos puedan emerger.

Palabras clave: Enseñanza, Geografía, lenguajes, cine.

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

INTRODUÇÃO

Para compreender o mundo que vivemos requer sempre um revistar dos acontecimentos alocados no passado, dessa forma preocupado com o regime imagético que socialmente é atrelado aos povos indígenas, o trabalho desenvolvido ²se direcionou a partir da perspectiva das diferentes linguagens no ensino de Geografia e suas possíveis potencialidades quanto à construção de outros pensamentos acerca do espaço geográfico. Para isso, utilizou-se a linguagem cinematográfica-audiovisual no ensino de Geografia enquanto prática potente na construção de um conhecimento dito geográfico, plural, múltiplo e diverso.

Com o novo ensino médio em vigor, no ano de 2022, chegou até as escolas do estado de Mato Grosso do Sul um documento contendo as habilidades e objetos de conhecimento que as mesmas deveriam seguir; para tanto, deviam se organizar de forma interna para atender às orientações. Dessa forma, além de pensar uma Geografia crítica, cidadã e libertadora, também tais orientações institucionais de currículo que embasaram a realização do trabalho relatado como disparador para repensar o regime visual imagético acerca dos povos indígenas e propor contranarrativas.

Dourados-MS possui uma das maiores populações indígenas do Brasil, abrigando uma reserva na qual se fazem presente três grupos étnicos: Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva e Terena, divididos em duas aldeias, a Jaguapiru e a Bororó. O trabalho desenvolvido partiu da realização de dois movimentos a partir da linguagem cinematográfica-audiovisual. Dessa forma, um dos movimentos do trabalho foi a construção de audiovisuais pelos alunos, a partir

² O presente trabalho é fruto de experimentações geográficas desenvolvidas no primeiro semestre do ano letivo de 2024. A atividade foi desenvolvida nas aulas de Geografia, com turmas de 3º ano (N, O, P e Q) do Ensino Médio, noturno, na Escola Estadual Presidente Vargas. A Escola localiza-se no município de Dourados, Mato Grosso do Sul. Habilidades e objetos do conhecimento utilizados - Objetos de Conhecimento/Conteúdo: Grupos Étnicos de Mato Grosso do Sul, suas organizações socioculturais e localização espacial. Habilidades (MS.EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade. Habilidades (MS.EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

das habilidades e objetos de conhecimento indicados no referencial curricular. Assim, relacionando currículo, linguagem e protagonismo estudantil, visou-se gerar um conhecimento geográfico crítico acerca do mundo em que vivemos e produzimos diariamente. Outro movimento do trabalho realizado consistiu na aproximação entre escola/estudantes e a temática indígena, compreendendo tais povos como sujeitos de intencionalidades e saberes próprios, o que significou rasurar/rasgar/reconstruir uma narrativa sobre os povos indígenas, reconhecendo-os enquanto indivíduos produtores de sua história. Dessa forma, compreende-se a escola como local onde durante muito tempo as narrativas históricas hegemônicas se fizeram presentes, e se fazem até hoje.

O trabalho foi desenvolvido em dois movimentos justapostos, o primeiro consistiu em tensionar o pensamento e os olhares dos alunos sobre a temática indígena no município de Dourados (MS), a partir do contato/contágio entre as produções audiovisuais indígenas produzidas pela AJI (Associação de Jovens indígenas)³ e ASCURI (Associação Cultural dos Realizadores Indígenas)⁴ e os educandos da rede estadual de ensino de Dourados (MS), da Escola Presidente Vargas. Com o objetivo de aproximar os educandos de produções feitas pelos próprios indígenas no município de Dourados (MS), o objetivo nesse primeiro momento foi o de possibilitar um encontro, que também é um confronto, entre educandos e uma produção audiovisual indígena (modos de *fazer* próprios).

O segundo movimento, desenvolvido na atividade, consistiu na criação de audiovisuais, na escola, na disciplina de Geografia, a partir dos olhares, ideologias e apropriação, pelos estudantes, sobre a temática indígena no município de Dourados (MS).

³ A AJI (Ação dos Jovens Indígenas de Dourados) é uma entidade não governamental com o propósito de promover iniciativas positivas através da educação não formal fundada em 2001 pela antropóloga Maria de Lourdes Beldi de Alcântara junto com jovens Guarani-kaiowa e ñandeva e Aruak-Terena. A AJI, atua por meio dos audiovisuais como uma possibilidade de comunicação direta a partir de temas que urgem da realidade socioespacial dos indígenas <<https://ajiacaojovensindigenas.wordpress.com/>>

⁴ A ASCURI (Associação Cultural dos Realizadores Indígenas) é um grupo de jovens realizadores/produtores culturais indígenas de Mato Grosso do Sul que visa utilizar a linguagem do cinema e as novas tecnologias de comunicação para criar estratégias que promovam a formação, resistência e fortalecimento da identidade tradicional indígena.

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

PALAVRAS NO “ENTRE” – REVISITAR A HISTÓRIA

A partir da segunda metade do século XX, com o acirramento das relações capitalistas e a expansão e apropriação do capitalismo financeiro sobre o espaço geográfico, foi possível identificar um conjunto de transformações estruturais que modificou não somente o território, com novas formas, ligando os lugares por meio do sistema de transporte, e também o conectando-os graças ao sistema de informação. Sob a ótica desse contexto, da mundialização da economia, com a criação de objetos técnicos como televisão, Internet, computadores, telefone celular, podemos observar que a maneira da relação dos indivíduos do mundo, com as “novas” coisas desse mundo se alterou criando assim, necessidades.

Essas transformações recaem sobre a disciplina de Geografia no contexto escolar, no qual urge a necessidade de pensar uma geografia escolar que leve em consideração a realidade socioespacial do educando, e que ele se entenda pertencente e produtor do espaço em que está inserido. Para promover um ensino de Geografia potente e coerente, que lide e respeite as diferenças socioespaciais do educando, contribuído para uma correlação entre as suas vivências e aquilo que se apresenta no contexto escolar, torna-se necessário que ocorra uma mudança de concepção sobre o que é ensinar Geografia na atual conjuntura, e também repensar as práticas de ensino em geral. Dessa forma, a atividade desenvolvida percorreu o caminho quanto ao uso das diferentes linguagens no ensino de Geografia, sendo destacada, no trabalho relatado, a linguagem cinematográfica-audiovisual.

Segundo Oliveira Jr. e Girardi (2011, p. 4): “Abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço”. O uso das diferentes linguagens no ensino de Geografia, colocou-se enquanto possibilidade de ruptura com um *modus operandi* do pensamento vinculado a uma geografia escolar pautada apenas na identificação e localização das coisas no espaço geográfico.

Quanto à aproximação da linguagem cinematográfica-audiovisual com a educação, pode ser destacado o trabalho de autores como Duarte (2008), Fresquet (2013) e Migliorin e Barroso (2016), que vão propor uma discussão sobre a presença cinematográfica no contexto

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

escolar enquanto linguagem potente e passível de construção de outros mundos a partir da experiência. Em relação ao ensino de Geografia, Ferraz (2012) e Oliveira Jr (2005) trazem como possibilidade de compreensão de espaços geográficos distintos, fazendo com que o aluno se sinta pertencente ao espaço que o constrói diariamente.

Dessa forma, o trabalho se utiliza da linguagem cinematográfica-audiovisual para possibilitar a criação de outros pensamentos na escola acerca dos povos indígenas. Assim, compreende-se o espaço geográfico como uma co-implicação de sujeitos, coisas, humanos, não humanos, trajetórias e multiplicidade (Massey, 2008). O trabalho propõe apresentar uma prática de ensino de Geografia, como possibilidade de criação de pensamentos, respeito à diversidade, a partir do entendimento dos povos indígenas enquanto sujeitos históricos e de intencionalidade. Dessa maneira, o audiovisual, se torna um aliado, um auxiliar, um dispositivo capaz de potencializar histórias, sujeitos e visões de mundos.

Assim como pontua Xakriabá (2015, p.2): “O forte do nosso povo sempre foi a oralidade, mas, com as tecnologias, a ampliação dos registros se torna possível, nos trazendo algumas vantagens. Através de fotografias, da escrita digital e da grafia audiovisual ...]” embora a autora fale de um lugar e de um povo específico, é notório, a partir dos estudos evidenciados nos últimos anos, como a tradição oral possui uma característica muito própria quanto à transmissão de saberes e conhecimentos ancestrais no que diz respeito aos povos indígenas. Dessa forma, com a difusão dos objetos técnicos, faz-se com que as tecnologias, como câmeras fotográficas, Internet, computadores possam ser aliados potentes à memória das gerações futuras.

A partir da década de 1980 vem sendo desenvolvido, em algumas aldeias do Brasil, o projeto Vídeo nas Aldeias (VNA⁵), que é um precursor na produção audiovisual indígena no

⁵ De acordo com o Cinemascola “Criado em 1986, Vídeo nas Aldeias (VNA) é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha.

O VNA surgiu dentro das atividades da ONG Centro de Trabalho Indigenista, como um experimento realizado por Vincent Carelli entre os índios Nambiquara. O ato de filmá-los e deixá-los assistir o material filmado, foi gerando uma mobilização coletiva. Diante do potencial que o instrumento apresentava, esta experiência foi sendo levada a outros grupos, e gerando uma série de vídeo sobre como cada povo incorporava o vídeo de uma maneira particular. Em 1997, foi realizada a primeira oficina de formação na aldeia Xavante de Sangradouro. O

VNA foi distribuindo equipamentos de exibição e câmeras de vídeo para estas comunidades, e foi criando uma rede de distribuição dos vídeos que iam produzindo. Foi se desenvolvendo e gerando novas experiências, como promover o encontro na vida real dos povos que tinham se conhecido através do vídeo, “ficcionar” seus mitos, etc.

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

Brasil. Desde o seu início, o objetivo do projeto foi de apoiar as lutas dos povos indígenas, visando fortalecer suas identidades. Pode-se dizer que o projeto foi de extrema importância, pois contribuiu para uma aproximação entre os povos indígenas e o fazer vídeos nas aldeias.

O projeto tem por finalidade possibilitar a expressão coletiva das comunidades indígenas e tornar o uso da mídia em vídeo acessível a esses grupos, permitindo que controlem e modifiquem sua imagem de acordo com suas necessidades políticas e culturais. Dessa forma, a produção audiovisual indígena fomenta o intercâmbio entre diferentes povos, reduzindo as barreiras geográficas e ampliando as oportunidades de comunicação entre as comunidades (Carelli e Callois, 1995).

A produção de vídeos nas aldeias é algo que vem ocorrendo desde a década de 1980, como mencionado. E o presente trabalho tem como característica a produção de audiovisuais na escola, pelos alunos, sobre temáticas que são apenas disparadores, um caminho dentre os possíveis, para pensar de maneira crítica os povos indígenas em Dourados (MS).

O trabalho se direciona a partir da perspectiva do encontro. Evocar na escola a construção de audiovisuais sobre uma temática que reside, vive, mas que nem sempre habita o mesmo território dos alunos, é convidar os mesmos a se deslocarem territorialmente e ir de encontro a pessoas, lugares, locais, instituições, cosmologias e experiências distintas. O deslocar não se dá apenas no físico, literal, portanto, geográfico, mas é também um deslocar no mundo das ideias, das subjetividades. Entrar em contato com outras narrativas possibilita a mobilização quanto à desarticulação de estigmas de um pensamento unitário que foi construído historicamente no que ficou comumente conhecido como pensamento ocidental. E a escola, por ser fruto dessa forma de pensar, contribuiu e ainda contribui para o reforço de um pensamento unitário quanto aos povos indígenas. Assim, faz-se urgente repensar a forma pela qual a história indígena vem sendo construída no Brasil, e com isso construir uma outra maneira de analisar a história do país.

O VNA foi se tornando cada vez mais um centro de produção de vídeos e uma escola de formação audiovisual para povos indígenas. Desde o “Programa de Índio” para televisão em 1995, até a atual Coleção Cineastas Indígenas, passando por todas as oficinas de filmagem e de edição do VNA, em parceria com ONGs e Associações Indígenas, o projeto coloca a produção audiovisual compartilhada ao centro das suas preocupações. Em 2000, o Vídeo nas Aldeias se constituiu como uma ONG independente. A trajetória do Vídeo nas Aldeias permitiu criar um importante acervo de imagens sobre os povos indígenas no Brasil e produzir uma coleção de mais de 70 filmes, a maioria deles premiados nacional e internacionalmente, transformando-se em uma referência nesta área”.

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

Oliveira (2016), em *O nascimento do Brasil e outros ensaios: pacificação, regime tutelar e formação de alteridades*, apresenta as falhas, as rasuras na narrativa dominante quanto à participação e à presença indígena no processo de formação socioespacial do Brasil. O autor aponta que a narrativa, a história do Brasil e a relação com os povos indígenas foram construídas a partir de uma compreensão dos povos indígenas como indivíduos jogados ao acaso, à espera do encontro, sem intencionalidades ou capazes de tomar decisões próprias. O autor enfatiza que “... sempre submetidas a uma forte e direta tutela, que outorgava a outros o direito de pensar e falar por eles. Avaliados segundo os interesses e preconceitos das elites como inferiores e primitivos, sendo sempre representados por seus tutores”

Dessa forma, a narrativa que é construída com textos, pesquisas, no pictórico, nas imagens hegemônicas, é centrada na omissão do que diz respeito à presença e participação indígena, na formação socioespacial do Brasil. É importante salientar que tal processo acontece não de forma contemporânea aos fatos ocorridos, o que demonstra que todo esse movimento é fruto de intencionalidades de uma classe dominante.

Seguindo com os escritos de Oliveira (2016), como pontos de possibilidades, um rizoma, um múltiplo, caminhos outros para repensar a formação socioespacial do Brasil, o autor apresenta cinco regimes de alteridades que nos auxiliam a instaurar uma outra ótica de análise, de compreensão, de relação, de entendimento quanto às individualidades dos povos indígenas.

No primeiro regime, o autor se utiliza das ilustrações para apresentar a mudança na concepção do indígena no Brasil no período colonial. As primeiras ilustrações apresentavam um caráter de relativa simpatia do olhar do colonizador quanto aos indígenas, sendo tal afirmação perceptiva em algumas ilustrações. Essa concepção se altera de maneira que: “Em algumas ilustrações encontradas em mapas holandeses, franceses e italianos, é possível acompanhar como os colonizadores passaram de uma atitude de relativa simpatia para uma postura de criminalização” (Oliveira, 2016, p. 27).

Assim como mencionado anteriormente, o questionamento necessário a se fazer é de como a mudança na concepção de um indígena que se une à natureza, gentil, servil, passa a ter uma dimensão de bárbaros (no sentido ocidental de hierarquização de povos), de primitivo,

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

atrasado, selvagem. Não consiste aqui em atribuir serventia ou moralismo em tal binarismo, mas sim colocar em debate que a mudança de concepção quanto ao indígena no Brasil diz mais sobre a intencionalidade de uma classe que se impõe hegemônica.

A quem interessa o indígena bárbaro? A quem interessa o indígena servil? A quem interessa o indígena selvagem? A quem interessa os indígenas? A quem interessa esse regime de tutela?

São questionamentos que não cessam, mas que abrem brechas necessárias para aqueles que se preocupam com uma educação na escola enquanto formação cidadã, libertadora e crítica. Caminho esse que o presente trabalho buscou percorrer.

O segundo regime de memória, apresentado pelo autor, segue esse direcionamento na mudança de concepção da figura indígena no Brasil colonial. Oliveira (2016, p. 27) afirma: “Procede a uma rigorosa separação entre o índio colonial e o índio bravo, apontando nitidamente os cenários e contextos sociais em que cada um deles pode ser encontrado”. O regime visual que se forma com as ilustrações da época constrói uma narrativa e reforça um estigma de cisão entre o colonizador e o indígena colonial; sendo aquele o que estava engendrado nos processos civilizatórios da colonização, principalmente por meio da catequização cristã, em contraste do indígena bravo, que historicamente é representado pelo estigma do conflito e da constante relação com a guerra, indomável, bárbaro.

O terceiro regime recai sobre binarismo entre a imagem histórica que é construída, em que o indígena sempre aparece relacionado ao passado, ao distante, em contraste de fato com as representações ditas reais. Assim, Oliveira (2016, p. 28) constata que a “imagem do indígena remetida ao passado – é o autóctone, aquele que precedeu ao colonizador português. Fortemente estetizado e enobrecido em seus costumes, foi transformado em personagem trágico da literatura indianista e das artes românticas”.

Esse regime visual, construído a partir das ilustrações sobre a visão do colonizador frente aos povos indígenas, também é questionado pelo autor no quarto regime. De acordo com Oliveira (2016, p. 28): “Os relatos e as imagens buscam sempre um índio “tradicional” e etnificado, com aparência física e comportamento supostamente específicos de sua cultura, como se estes estivessem eternamente no momento dos primeiros contatos”.

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

Dessa forma, o que observamos é que todo indígena que foge a essa regra colonial, no qual é lançado socialmente um *modo ser* indígena, o mesmo é descaracterizado enquanto indígena, de tal maneira que a própria sociedade apresenta uma resistência em reconhecer esses sujeitos em lugares que historicamente não foram construídos para que eles habitassem. Assim, a escola, que historicamente é vista como local onde alguns estigmas são construídos em relação aos indígenas, também é o local onde as rasuras, onde as linhas de fuga podem se instaurar como um movimento de contra narrativas hegemônicas. Mesmo compreendo que seja um problema de ordem histórica e estrutural, e apresente muitas camadas, é no fazer diário, no cotidiano, na micropolítica, que o presente trabalho se propôs.

No último regime, o autor aponta para as mudanças de entendimento quanto aos povos indígenas no Brasil, sobretudo a partir do novo indigenismo no qual rompe-se com a visão romantizada dos povos indígenas e começam a trilhar um caminho — ainda que de forma embrionária — para compreendê-los como povos de intencionalidades. Para Oliveira (2016, p. 29): “O uso de novas tecnologias, como a Internet e o vídeo, é também característica desse regime, que é o único no qual os indígenas são os principais artífices; nos demais, constituem apenas aquilo sobre o qual não indígenas falam”.

É importante salientar o papel da linguagem nesse novo processo de entendimento dos povos indígenas, quanto a sua história, sua participação na formação socioespacial do Brasil, suas especificidades, sua ancestralidade, e principalmente sua oralidade. Assim, o ato de criar produtos audiovisuais, seja com os povos indígenas ou com os alunos não indígenas, sendo a temática indígena um disparador, torna-se um aliado na direção do rompimento de estigmas historicamente construídos e socialmente reforçados.

Junto a esse movimento, corrente a partir da segunda metade do século XX, podemos observar um processo de resistência liderado pelos próprios indígenas. Surge então um novo indigenismo, com movimentos políticos e sociais, reivindicando necessidades urgentes, inerentes à subsistência e à manutenção da vida indígena; momento esse de crescimento da presença indígena em lugares antes não vistos, como na política, na universidade, em organizações não governamentais, na literatura. Rompe-se, assim, com o pessimismo histórico, em relação ao futuro dos povos indígenas, criado e fomentando por grades

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

pesquisadores brasileiros. Pessimismo esse que historicamente fora justificado pela tese da extinção, em que, de acordo com o paradigma evolucionista, o que restaria para os povos indígenas seria a sua transformação étnica em um ser não indígena, e até mesmo o seu desaparecimento (Monteiro, 2011).

Assim, Monteiro (2011, p. 267) discorre sobre quais são os caminhos necessários para que sociedade e academia façam convergir compreensão e respeito às diferenças e especificidades dos povos indígenas:

“Esta grande reavaliação das sociedades indígenas e das políticas indigenistas, a historiografia tem — e terá — um papel fundamental, decisivo até. Pois cabe aos historiadores, através de uma revisão séria das abordagens vigentes — que relegam os índios a um papel fugaz e mal-explicado no início da colonização, que reservam aos mesmos índios um enquadramento etnográfico e não histórico ou, ainda, que reduzem-nos a meras vítimas do inexorável processo da expansão europeia —, não apenas resgatar mais esses “esquecidos” da história, mas antes redimir a própria historiografia de seu papel conivente na tentativa — fracassada — de erradicar os índios.”

Dessa forma, torna-se imprescindível revisitar as abordagens históricas postas frente ao papel e à presença indígena no Brasil, tensionando mobilizar, de maneira a apresentar outras possibilidades, trazer outros sentidos, compreendendo-os como povos históricos e de intencionalidade.

Torna-se necessário também que essa nova narrativa, a ser construída com/junto aos povos indígenas, possa romper com o entendimento equivocado de que os povos indígenas sejam apenas vítimas do processo de expansão europeia no período colonial, e que se tornaram povos tutelados pelo Estado, não sendo capazes de tomar decisões próprias.

Por fim, Oliveira (2016, p.29) afirma:

“Não é correto considerar as performances e estratégias indígenas como idênticas àquilo que os seus contemporâneos registraram e pensaram sobre eles. Um regime de memória propicia relatar uma história; mas, para compreender a organização e o funcionamento de tais sociedades, o pesquisador não pode fixar-se em um só ponto de vista: deve buscar as muitas histórias e o seu entrelaçamento. Por isso, o investigador não deve se limitar a uma documentação produzida por fonte oficial e que reflita uma perspectiva supostamente canônica em relação àquele assunto: precisa explorar a diversidade de fontes e a multiplicidade de relatos possíveis, beneficiando-se do resultado de pesquisas antropológicas e históricas atuais. Estas

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

frequentemente revelam instituições e significados desconhecidos das fontes não indígenas da época e que, mediante uma leitura crítica e numa perspectiva descolonizadora, muitas vezes permite construir interpretações novas nas entrelinhas de registros do passado.”

Assim, é importante que esse fazer ciência, preocupado em dar vozes a grupos historicamente silenciados, sejam cada vez mais frequente nas universidades. É necessário trazer outros olhares para os registros do passado, trabalhar com a perspectiva de pontos de vistas distintos, pois o que observamos na história é a intencionalidade dos atores de acordo com interesses próprios. Para que isso ocorra, torna-se imprescindível que aquilo que é posto como hegemônico, normativo, unívoco, seja questionado, abrindo-se assim fissuras para que as histórias até aqui, desses grupos esquecidos, possam emergir em um no devir.

O devir outro aqui evocado só poderá ser possível a partir do momento em que as amarras da norma, da burocracia, sejam flexibilizadas para receber e dar voz a povos historicamente silenciados. Assim, para esse devir outro, destaca Xakriabá (2020, p. 5): “Reconhecer a participação indígena no fazer epistemológico é contribuir para o processo de descolonização de mentes e corpos, desconstruindo o pensamento equivocado de que nós, indígenas, não podemos acompanhar as tendências tecnológicas”.

São muitas as possibilidades da linguagem audiovisual na escola. Sendo no presente trabalhado evocado o ato do criar, com as mãos, corpos e mentes, como potencializador de mobilização sobre outros pensamentos em relação aos povos indígenas. Xakriabá, (2015, p. 8) afirma:

“A inteligência pode ser adquirida com o tempo da escola, já a sabedoria é outra temporalidade, exige um movimento maior da mente, mas também do corpo. Um conhecimento não é apenas elaborado pela mente, é elaborado também pelo exercício da prática com as mãos”

Assim, para construir situações na escola que possibilitem o encontro entre estudantes e os povos indígenas, faz-se necessário olhar a forma como a história do Brasil foi construída e, a partir disso, instituir uma nova ótica de compreensão, buscando os caminhos de entendimentos dos povos indígenas enquanto indivíduos históricos e com capacidade de tomar decisões. Esse foi o movimento construído até o presente momento, e que deu origem à

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

realização de uma prática de ensino de Geografia, a partir do currículo, na escola pública, no ensino noturno, com e pelos alunos, que será relatada a seguir.

POR UM DEVIR PEDAGÓGICO

Por compreender e pensar a linguagem audiovisual com potencial de possibilitar outras leituras e interpretações diferentes, em relação ao espaço Geográfico, o presente trabalho utilizou a linguagem cinematográfica como movimento inicial para repensar as imagens de mundo acerca dos povos indígenas, dessa forma, o seu desenvolvimento se deu conforme os movimentos descritos abaixo.

Primeiro movimento - a partir da capacidade estética da linguagem, desenvolveu-se um momento em sala de aula que promovesse um contato/contágio/tensionamento entre alunos da rede básica de ensino de escola da/na cidade com audiovisuais produzidos pelos indígenas em Dourados (MS).

A AJI (Ação dos Jovens Indígenas de Dourados) e a A ASCURI (Associação Cultural dos Realizadores Indígenas) são coletivos indígenas que vêm a algum tempo produzindo audiovisuais. Ambas as associações possuem uma produção de audiovisual disponibilizado em canais do Youtube⁶, dessa forma, foram selecionados dois vídeos, cuja a produção se deu nas aldeias do município de Dourados (MS), sendo: “O carrinho” (2007), da AJI, e “Panambizinho: O fogo que nunca apaga” (2014), da ASCURI. O exercício desenvolvido foi o de assistir em sala aos audiovisuais escolhidos, produzidos pelos indígenas, e dialogar, refletindo sobre as possibilidades de mundos que se abrem a partir de um movimento coletivo, que gera acionamentos distintos e diversos em cada sujeito, sendo, portanto, uma construção de experiência potente e individual pela/com/na linguagem.

Segundo movimento – O segundo movimento consistiu na produção de audiovisuais na escola da cidade, pelos alunos, sobre a temática indígena. Para isso, após o primeiro

⁶ <https://www.youtube.com/@ajiacaojovensindigenas9444>
<https://www.youtube.com/@ascuri brasil7341>

movimento, e entendendo que os alunos já possuíam um conhecimento prévio sobre a temática trabalhada, o objetivo foi de, a partir dos acionamentos que esse primeiro contato/contágio causou nesses sujeitos, produzir um audiovisual partindo da concepção, olhares, e ideologias dos próprios alunos. Assim, a presente etapa seguiu o seguinte direcionamento:

1º Aula sobre a técnica do filmar. Em sala, foi apresentado aos alunos um momento de diálogo referente às etapas de criação de um audiovisual, e sobre as possíveis técnicas que podem ser utilizadas. Nesse momento, o enfoque se deu sobre: a parte escrita (roteiro), gêneros de filmagens, fotografia, enquadramento, ângulo de mirar, luz, planos, som, regime sonoro, narrativa sonora, montagem e edição.

2º Divisão da turma em quatro temáticas geradoras. Vale salientar que tais temáticas foram propostas como dispositivos, como possibilidades, partindo daquilo que se pede no currículo do Estado, sendo esse o embasamento legal para o desenvolvimento da prática de ensino. Já o caminho a ser seguido, sobre o que fazer, o que filmar, o que abordar, o que mostrar, deu-se a partir do diálogo e da possibilidade de cada grupo em questão. Os grupos propostos foram:

I Indígenas e a cidade: Preconceitos, estereótipos e possibilidades.

II Povos Indígenas: Modos de ser e viver, (in)visibilidade?

III Conflitos e tensões pelo/em território.

IV Modos de sobrevivência — O trabalho.

3º Criação dos roteiros. Com os temas definidos e os grupos de trabalho articulados, nesse momento o foco foi, a partir do diálogo do grupo, construir rascunhos sobre o que e como eles iriam filmar. Glauber Rocha dizia: “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão basta para fazer cinema”, aqui, porém, além da ideia na cabeça e da câmera — telefone celular dos próprios alunos —, eles também deverão transpor essa ideia para o papel. O propósito foi que construíssem uma ideia/argumento/sinopse do que iriam fazer. Esse

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

momento serviu para trabalhar outras habilidades com os alunos, como pensar, escrever, sistematizar, articular, coisas que são necessárias para o dito raciocínio geográfico.

4º Etapa de criação. A partir da organização de cada grupo, e com a orientação do professor, foi destinado um período para que os grupos produzissem e acumulassem diversos materiais de fotografia, gravações e sons. Essa etapa foi realizada no 2º Bimestre letivo de 2024.

5º Filmagem. Com os materiais produzidos, esta etapa consistiu na filtragem propriamente dita; assim começou o momento de edição/montagem dos audiovisuais de cada grupo. Com o auxílio de equipamentos disponíveis na escola, como computadores e Internet.

6º Apresentação das produções. Com os audiovisuais prontos, foi destinado um momento de troca e diálogo entre a turma, a partir do que cada grupo conseguiu produzir. Quais são os novos acionamentos gerados a partir do contato/contágio dos educandos com produções próprias sobre a temática indígena em Dourados (MS)? Na sequência, o último movimento desenvolvido com os estudantes foi o de assistir de forma coletiva em sala de aula os filmes produzidos. Nesse momento, um mundo de possibilidades se abre.

Quanto ao que foi proposto e realizado em conjunto com os estudantes, duas possibilidades de análise se fazem necessárias mencionar.

Primeiro, todo o processo de realização da prática proposta para os alunos foi de muita valia. Esse *entre* o que foi pensando e o realizado se apresentou como potência para que escola se mostre de fato um espaço preocupado com as coisas que estão na sociedade, de maneira crítica, solidária e consciente. Ficou claro que a temática indígena não está “descolada” da escola e que muitos alunos são atravessados cotidianamente na sociedade. Pensar Dourados (MS) como uma cidade com grande presença de povos indígenas, os quais vêm historicamente num processo de reivindicação de direitos — muitos destes negligenciados pelo Estado — é trazer para escola, para sala de aula, um debate à luz de uma Geografia que se faz presente. Sobretudo, quando se compreende a Geografia enquanto

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

ciência, enquanto educação geográfica, enquanto ensino geográfico, muito se tem a contribuir com as (re)visões de mundo dos estudantes.

Segundo a potência dos filmes produzidos pelos estudantes merece destaque, pois o que temos são visões de mundo e um recorte espacial e temporal, que se deu a partir da técnica de uma linguagem sobre o que eles entenderam ser necessários buscar e mostrar para os demais. Os temas foram geradores de algo muito maior, onde os estudantes, num ato coletivo, puderam construir o outro. O encontro evocado nesse trabalhado não foi somente o encontro entre os estudantes e as coisas que se relacionam com a temática indígena, mas também o encontro, o resgate de algo muito importante na escola, que é o trabalho coletivo, compreendendo as especificidades de cada indivíduo; isso é algo extremamente necessário, sobretudo nos dias atuais onde o pensamento individualista se faz cada vez mais presente.

Assim, o trabalho realizado se finda dentro dos objetivos pretendidos enquanto uma prática de ensino de Geografia, mas se abre para um “não-sei-o-quê” de possibilidades e potencialidades para se pensar o mundo a partir da presença da linguagem cinematográfica-audiovisual⁷ na escola e contribuir para um revisitar de imagens acerca dos povos indígenas.

O QUE PODEM AS IMAGEM-MOVIMENTO NO ENSINO DE GEOGRAFIA?

Lidar com a linguagem cinematográfica no processo de ensino e aprendizagem quando vivenciada a partir da sua condição de linguagem - com signos e significados próprios - e com um modo de dizer sobre as coisas que estão no mundo de um jeito específico, vem se mostrando como um movimento potente quanto ao rasurar de imagens hegemônicas que nos contam uma narrativa única sobre o mundo a partir da ótica do *vencedor*. Assim, a perspectiva de cinema aqui evocada demonstra a partir das imagens apresentar as potencialidades da centralidade que é posta ao movimento e ao tempo do cinema. Sendo esse compreendido,

⁷ Para visualizar os audiovisuais produzidos pelos estudantes, segue o link abaixo do youtube da escola: Escola Estadual Presidente Vargas <https://www.youtube.com/playlist?list=PLz8JtshIWTJ05FLdJYcMGvWQYADLf4cf6> Também pode ser acessado pelo seguinte link: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/13gRile9yoocJsVIBAzF78dBI65hyegT>

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

como um elemento democrático onde todos podem fazer cinema. Não precisa de estúdios, de equipamentos de última geração, de lobby empresarial, mas sim basta da boa vontade de querer recortar o mundo em momentos no tempo e no espaço com a câmera disponível. Como forma de apresentar as possibilidades da imagem produzidas pelos alunos segue abaixo três registros para reflexão acerca do espaço geográficos e suas múltiplas possibilidades.

Figura 1 - Capturada durante a realização da atividade na escola indígena.



Fonte: O autor, 2025

Na figura 1, o mundo se faz da moldura da janela. Cores, formatos, linhas, silhuetas, profundidade. É onde o humano e o não humano coabitam no espaço geográfica e assumem formas distintas do habitar dos sujeitos – das crianças indígenas -. Que antes de nomes, tópicos, temas, alcunhas, são apenas crianças. Que inseridas numa *outra* lógica de habitar e entender o espaço geográfico são impostas as instituições do mundo ocidental.

O que vejo através das linhas duras com cheiro de ferro da janela? O que me separa de ir? Como imaginar um mundo coletivo, alegre e divertido assim como na brincadeira de crianças?

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, Ano: 2025. - ISSN: 1982-3800



Assim, Deleuze (1983, p.19)

“Dir-se-á então que o movimento reporta os objetos de um sistema fechado a duração aberta e a duração aos objetos do sistema que ela força a se abrirem. O movimento reporta os objetos, entre os quais se estabelece, ao todo cambiante que ele exprime, e vice-versa. Pelo movimento, o todo se divide nos objetos, e os objetos se reúnem no todo: e, justamente entre os dois, "tudo" muda.”

Dessa forma, o autor aponta a potencialidade do cinema enquanto tempo vivo e criador de coisas. Fazendo com que o fazer cinematográfico torna-se um modo de experimentar a duração, dos objetos, seres humanos e não humanos de maneira que a imagem-movimento é também imagem duração, onde o tempo vivido se torna visível e o aprendizado não de conteúdos e formas, mas das coisas que estão no mundo, se faz sentir em cada transformação do olhar e do corpo.

Figura 2 - Capturada durante a realização da atividade na escola indígena.



Fonte: O autor, 2025

O perto, enquanto potência estética com capacidade de mobilizar sentidos, gestos e olhares. O singelo, a inocência, a sustentação do transitar no território. A terra enquanto resistência demarcar o corpo no espaço. Seguindo com Deleuze (1983, p.81)

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, Ano: 2025. - ISSN: 1982-3800



“Há, portanto, uma relação da afecção com o movimento em geral, que se poderia enunciar assim: o movimento de translação, em sua propagação direta, não é apenas interrompido por um intervalo que distribui de um lado o movimento recebido, de outro o movimento executado, e que os tornaria de certo modo incomensuráveis. Entre os dois há a afecção, que restabelece a relação; mas, precisamente, na afecção o movimento deixa de ser de translação para tornar-se movimento de expressão, isto é, qualidade, simples tendência que agita um elemento imóvel.”

O autor apresenta imagem-afecção como movimento que torna a expressividade pura, o instante em que o rosto – no caso da *Imagem 2*, os pés – o olhar, ou o gesto mostram a intensidade de um sentimento. Assim, os corpos, os olhares, silêncios e hesitações tornam-se portadores de uma potencia expressiva. Dessa forma, o sensível comunica o que o discurso não alcança. No gesto de quem filma ou é filmado, há uma vibração incapaz de ser representada, mas passível de expressão. Assim, a potencia da imagem-afecção como diz Deleuze, é o movimento de expressão, do gesto e não do deslocamento.

Figura 3 -Capturada durante a realização da atividade na escola indígena.



Fonte: O autor, 2025

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, Ano: 2025. - ISSN: 1982-3800



O longe é invocado, as cores se misturam, as linhas se apresentam, as sombras pintam o reflexo das três jovens. O que fabulam sobre o mundo? No conjunto das três imagens apresentadas o espaço da escola é invocado, e o movimento de dentro para fora se faz presente. Enquanto maneira poética de pensar o mundo, a ciência, as relações entre os sujeitos que coabitam o espaço, na micropolítica, na geografia do cotidiano de jovens indígenas que vivem numa coalisão de mundos. É importante ressaltar que ao lidar com a linguagem cinematográfica a fotografia se faz presente, como movimento de partida para a criação do cinema em si. Desse modo, os filmes produzidos pelos estudantes passaram também pelo processo de pensar a imagem por meio da fotografia, mostrando assim que o cinema se faz da mobilização de diferentes saberes, técnicas e estéticas.

Deleuze (1983, p. 33)

“aquilo de que Bergson considerava o cinema incapaz, porque levava em conta apenas o que se passava no aparelho (o movimento homogêneo abstrato do desfilar das imagens), é aquilo de que o aparelho é o mais capaz, eminentemente capaz: a imagem-movimento, isto é, o movimento puro extraído dos corpos ou dos móveis. Não se trata de uma abstração, mas de uma liberação.”

Deleuze inverte a lógica bergsoniana ao afirmar que o cinema não aprisiona o movimento, mas o da possibilidade. Fazer cinema na escola e dar a possibilidade de ter outras experiências espaciais com o corpo, com o olhar, com a imaginação, assim, abre um espaço para que os gestos e as subjetividades dos alunos possam emergir colocando em imagens seus anseios, dores, formas e políticas.

CONCLUSÃO

A partir da atividade desenvolvida, muitos desafios são postos quanto à inserção de novas práticas pedagógicas no ensino de Geografia, seja por questões de infraestrutura, ou de pensamento; especialmente este último, pois ainda se apresenta como obstáculo um pensamento que preza apenas pela identificação e localização das coisas no espaço geográfico.

Assim, para analisar o mundo em que vivemos, se torna necessário revisar as imagens do passado, e quando analisamos a formação territorial do Brasil, é possível

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

identificar de como a narrativa ocidental jogou os povos indígenas para longe do processo, como seres sem capacidade de pensar, sendo necessário sempre ser tutelado. Essa narrativa, ainda se faz presente em nossa sociedade, de tal forma que a escola urge nesse cenário como elemento importante e potente para a partir de práticas de contra narrativas possamos evidenciar de fato o papel destes povos.

Para que avancemos em direção a um ensino que correlacione conteúdo e sujeito, urge necessariamente o fortalecimento na formação acadêmica de novos professores, como a criação e manutenção de programas de formação, como é o caso do PIBID e da Residência Pedagógica. Mesmo não sendo mencionado no texto, lidar com a linguagem cinematográfica-audiovisual só foi possível pela aproximação entre professor e a referida linguagem no processo de formação acadêmica. Sendo assim, entende-se a necessidade de se repensar os currículos dos cursos de Licenciatura em Geografia, e da aproximação entre universidade e educação básica. Além disso, vislumbrou-se a necessidade da oferta de formações continuadas que ofereçam subsídios teóricos e práticos aos professores.

Quanto à atividade desenvolvida, faz-se necessário destacar a mobilização dos estudantes, pois o produto final só foi possível devido ao seu engajamento. Destaca-se que os alunos do ensino médio noturno, participantes do projeto, em grande maioria realiza alguma atividade no contraturno, seja de trabalho ou realização de cursos. Embora isso, buscaram meios, caminhos, pessoas e formas, e, sob orientação do professor, criaram um produto audiovisual sobre um assunto necessário e sensível para a comunidade à qual estão inseridos.

Para além de conteúdos e habilidades que embasaram a atividade relatada, ressalta-se também a importância da atividade para a formação de cidadãos comprometidos com o meio em que vivem. Sendo dessa forma, a partir do uso da linguagem cinematográfica, é possível a construção de uma Geografia que lide com as vivências, as espacialidades e as especificidades dos educandos, e assim desenvolver, de fato, uma Geografia Crítica.

Que esse texto/relato mobilize de alguma forma professores, acadêmicos, simpatizantes a pensar de maneira consciente e fortalecer a luta de povos historicamente

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

excluídos. Que de maneira coletiva e comunitária possamos somar para uma cidadania mais inclusiva e humana

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: A imagem-movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Imagem e Geografia: Considerações a partir da linguagem cinematográfica. In.: **Espaço & Geografia**. Brasília: Vol.15, nº2, 2012.

MIGLIORIN, Cezar. BARROSO, Elianne Ivo. **Pedagogia do cinema: montagem**. São Paulo: Significação, nº46, 2016, p. 22.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. Silva, Aracy Lopes da; Grupione, Luís Donisete Benzi. **A temática indígena na escola**. São Paulo: Contexto, 2011. p.221-236

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. O que seriam as geografias de cinema? Revista TXT – leituras transdisciplinares de telas e textos. Belo Horizonte: **Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o Texto da UFMG**, n.2, s/p, 2005.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Prefácio. **Oliveira, João Pacheco de. O nascimento do Brasil e outros ensaios: pacificação**”, regime tutelar e formação de alteridades Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. p. 07-45

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 14, p. 110-117, jul. 2020.

**EXPERIMENTAÇÕES COM O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RASURANDO IMAGENS
HEGEMÔNICAS E POSSIBILITANDO NOVOS OLHARES PARA OS POVOS INDÍGENAS EM
DOURADOS-MS**

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, Ano: 2025. - ISSN: 1982-3800

